

**Sessão Solene da Academia Nacional de Medicina
por ocasião das comemorações do centenário do
Acadêmico Carlos Chagas Filho
Titular da Cadeira 86 (Patrono Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas)
23 de Setembro de 2010**

Excelentíssimo Acadêmico Prof. Pietro Novelino, D.D. Presidente da Academia Nacional de Medicina;

Excelentíssimas Autoridades que compõem a Mesa Diretora desta Sessão;

Acadêmicas e Acadêmicos aqui presentes;

Ilustríssimos Familiares e Amigos do Acadêmico Titular Carlos Chagas Filho;

Ilustres Senhoras e Senhores que vieram partilhar conosco este momento:

Hoje a Academia Nacional de Medicina se reúne solenemente para celebrar a vida e a obra do Acadêmico Carlos Chagas Filho por ocasião do centenário de seu nascimento, ocorrido no Rio de Janeiro aos 12 de setembro de 1910.

Filho de Carlos Justiniano Ribeiro das Chagas, Acadêmico e Patrono da Cadeira número 86 desta Academia, e Íris Lobo Chagas, tendo Evandro Serafim Lobo Chagas por irmão mais velho. Aos 15 anos, em março de 1926, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, completando seu curso em 1931, com 21 anos de idade.

Durante o curso médico foi interno tanto do Hospital de Doenças Tropicais do Instituto Oswaldo Cruz (1927-1929) como da Cadeira de Doenças Tropicais da Escola Nacional de Medicina. Por outro lado, foi auxiliar voluntário da Seção de Anatomia Patológica (1929-1932) e da Seção de Fisiologia (1931) do Instituto Oswaldo Cruz. Em seguida, passou o ano de 1932 no Hospital de Lassance (MG), mantido pelo Instituto de Manguinhos, local onde seu pai descobriu a doença de Chagas.

Seguindo essa linha de interesse, Carlos Chagas Filho iniciou sua carreira como professor-assistente de Patologia. Ainda, ao compreender, durante uma conferência ministrada pelo Professor Emmanuel Fauré-Frémiet (1883-1971), que os fenômenos

biológicos podem ser analisados a partir de suas bases físico-químicas, decidiu dedicar-se ao estudo da Biofísica. Para concretizar esse objetivo buscou auxílio nos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz e, em 1934, transferiu-se do Departamento de Patologia para o Departamento de Física Biológica da Escola Nacional de Medicina, cujo catedrático era o Professor Lafayette Rodrigues Pereira. Tendo em vista que já tinha prestado o concurso de Livre-Docência, com a morte prematura do Professor Lafayette, prestou com outros cinco candidatos o concurso para a Cátedra, que veio a ocupar em 1937. Em 1938, antes de iniciar a grande obra de sua vida, que seria a criação do Instituto de Biofísica, foi para Paris, onde trabalhou no laboratório de Físico-Química Biológica com René e Sabine Wurmser e com Alfred Fessard na Fundação Singer-Polignac. Posteriormente visitou os laboratórios de Archibald Vivian Hill (*University College*, Londres) e de Edgar Douglas Adrian (*Cambridge University*), ganhadores do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1922 e 1932, respectivamente.

Depois de sua volta ao Brasil, Carlos Chagas Filho criou o Laboratório de Biofísica no Departamento de Física Biológica, onde estabeleceu a atividade de pesquisa científica na Faculdade de Medicina.

Hoje, o que nos parece natural, à sua época não era aceitável pela Congregação da Faculdade que, desde sua criação, era entendida como uma escola, ou seja, como um local onde os conhecimentos dos professores eram transmitidos aos alunos. A pesquisa, ainda que valorizada, era compreendida como uma atividade própria das instituições destinadas para esse fim, independentes da vida universitária. Ainda que muitos dos professores da Faculdade de Medicina no início do século XX tenham sido excelentes cientistas, suas atividades de ensino e pesquisa eram dissociadas. A pesquisa se dava, por exemplo, no Instituto Oswaldo Cruz, e o ensino, na Faculdade, onde só permaneciam durante o período de suas aulas.

Contrariando o entendimento da época, o Acadêmico Carlos Chagas Filho preconizou que o ensino não pode ser baseado só na transmissão do conhecimento estabelecido, mas deve ser um processo indissociável da geração do próprio conhecimento. Essa ideia, revolucionária na sua época, foi por ele expressa pelo aforismo: A universidade ensina porque pesquisa.

Ao criar o Laboratório de Biofísica, a primeira dificuldade que encontrou foi obter as chaves da porta de entrada da Faculdade, que ficavam unicamente com o zelador do prédio, e só permanecia aberta no horário das aulas e durante o período letivo. Claro está que esses horários eram incompatíveis com o desenvolvimento dos experimentos. Após vários anos, em 1945, concretizou seu sonho na criação do Instituto de Biofísica, que teve como principal objetivo a investigação científica, tendo o ensino como sua consequência.

Chagas tinha a consciência de que toda pesquisa científica tem caráter internacional. Por outro lado, viveu o grande momento da entrada do Brasil na modernidade, marcado por um nacionalismo sôfrego de expressões claras de brasilidade. Assim, buscou encontrar um modelo experimental que fosse emblemático de nosso país e pudesse oferecer a possibilidade de compreender fenômenos de importância universal. Certamente por estar na busca desse modelo experimental que associasse a brasilidade com a ciência universal e sem fronteiras, ao ver em uma exposição o *Electrophorus electricus*, o intrigante peixe elétrico da Amazônia, percebeu que esse animal oferecia condições privilegiadas para o estudo dos fenômenos bioelétricos. Para analisar esses fenômenos, contando com a ajuda de Gustavo Corção, excelente engenheiro, construiu os instrumentos necessários para as medidas eletrofisiológicas. Com o final da guerra, obteve doações de equipamentos desenvolvidos e fabricados para fins militares do exército americano, tais como voltímetros, amperímetros e amplificadores de excelente qualidade, vários dos quais preservados no museu do Instituto de Biofísica. Esses estudos iniciais

trouxeram questões científicas que solicitavam diferentes abordagens, e para respondê-las, Chagas introduziu o uso de radioisótopos, ultracentrifugação preparativa e analítica, cromatografia, eletroforese, microscopia eletrônica, cultura de tecidos, e outras muitas metodologias de ponta que estavam então surgindo.

Através da biofísica, Carlos Chagas rompeu as barreiras das disciplinas clássicas e estabeleceu, ainda na década de 1940, um paradigma científico novo, que identifiquei como sendo o da transdisciplinaridade, ainda que esse termo, criado por Piaget, só tenha sido divulgado no Seminário de Nice, em 1970. Diferentemente da interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade pressupõe um pensamento organizador que ultrapassa as próprias disciplinas, gerando um meta ponto de vista. Não se trata, pois de adicionar conhecimentos, mas de organizar o conhecimento.

De fato, os estudos com o peixe elétrico exigiram não só a interação dos saberes de médicos, engenheiros, físicos, químicos, microscopistas, biólogos, matemáticos entre outros profissionais, mas a criação de uma metodologia de análise e de interpretação de resultados que estimula a compreensão da realidade pela articulação dos conhecimentos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade científica que proporciona a unidade do conhecimento. Penso que, mesmo sem ter desenvolvido a análise conceitual da questão, Chagas intuitivamente deu ao Instituto de Biofísica a dimensão da transdisciplinaridade.

Por outro lado, nessa dimensão em que todos contribuem com seus saberes e habilidades para criar um novo saber comum, Chagas, com seu modo gentil e solícito, fomentou um ambiente não só amigável, mas cientificamente estimulante e humanamente solidário, onde todos, pesquisadores, alunos e funcionários, se descobriam indissociavelmente partícipes de um ideal comum. Assim analisado, não causa surpresa o fato de ter conseguido atrair os alunos dos mais brilhantes para o seu Instituto.

Um aspecto importante da visão transdisciplinar deriva do fato de ultrapassar o domínio das ciências exatas por seu diálogo não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual. Reconheço essa dimensão na pessoa de Chagas, amigo próximo de Portinari, Glauco Rodrigues, Pierre Secondi, Manuel Bandeira, Pedro Nava, Dom Marcos Barbosa, Gustavo Corção, Alceu de Amoroso Lima e tantos outros.

Homem de visão universal, Chagas promoveu o intercâmbio entre os hemisférios, enviando pesquisadores do Instituto para o Norte e favorecendo a vinda ao Sul daqueles que lá lideravam a ciência. Essa estratégia permitiu que visitantes ilustres, tais como Richard Darwin Keynes (que introduziu o estudo da bioeletrogênese através de microelétrodos) e Rita Levi-Montalcini interagissem com os jovens pesquisadores do Instituto de Biofísica. Por outro lado, sua compreensão da dinâmica da pesquisa científica o levou a estabelecer objetivos estratégicos bem definidos. Assim foi que promoveu a criação dos Departamentos especializados, tais como o de Radiobiologia e Neurobiologia.

Sua experiência no Instituto permitiu que participasse intensamente da criação do Conselho Nacional de Pesquisas, órgão nacional de fomento que possibilitou a ampliação e aprimoramento do sistema de formação de cientistas profissionais no Brasil. Por outro lado, o CNPq auxiliou a criação e manutenção de novos laboratórios que permitiram o desenvolvimento tecnológico verificado a partir dos anos 50 do século passado em nosso país.

Nesse mesmo sentido, compreendendo que a formação de cientistas era uma prioridade para o desenvolvimento do país, Chagas iniciou em 1962, com auxílio obtido da Fundação Ford, a Pós-Graduação na Universidade do Brasil, tendo sido presidente de sua Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa entre 1962 e 1966. Cabe recordar que Chagas se antecipou à regulamentação da pós-graduação que só ocorreu em dezembro de 1965,

através da aprovação do Parecer elaborado por Newton Sucupira. Só no Instituto de Biofísica desde janeiro de 1967, foram defendidas 903 dissertações de mestrado e 712 teses de doutorado, ou seja, mais de 1600 trabalhos de pós-graduação.

Além de ter fundado o Instituto de Biofísica, do qual foi diretor por mais de vinte anos, foi também Presidente da Sociedade Brasileira de Biofísica (1963-1976); Vice-Presidente (1952-1954) e Presidente (1964-1966) da Academia Brasileira de Ciências; Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1964-1966); Vice-Presidente do Conselho Internacional de Uniões Científicas (ICSU) (1968-1972); Presidente por quatro mandatos da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano (1972-1988); Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980); Presidente da Academia de Ciências da América Latina (1982-1993), Vice-Presidente da *Third World Academy of Sciences* (1985-1992).

Foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro e do Conselho Federal de Cultura, ao longo dos anos 70 e 80. No Instituto Manguinhos, onde iniciou sua carreira científica, foi membro do seu Conselho Técnico-Científico, Presidente do Conselho da Casa de Oswaldo Cruz e do Centro de Estudos da Fundação Oswaldo Cruz.

Membro de um grande número de Academias e Sociedades Científicas de vários países da Europa e das Américas, dentre as quais se destacam a Pontifícia Academia de Ciências, a Academia das Ciências de Lisboa, o *Institut de France*, a *American Academy of Arts and Sciences*, a *American Philosophical Academy*, a Academia Nacional de Medicina da França, a Academia Real da Bélgica, a Academia de Ciências da Romênia e a Academia Internacional de História das Ciências. Vale ressaltar que no Brasil foi membro não só desta Academia Nacional de Medicina, como da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras, o que evidencia o largo espectro de sua ação.

Sua obra foi reconhecida por diversos países, tendo recebido condecorações da Suécia, Itália, Portugal, França, Espanha e Venezuela. Entre os seus títulos honoríficos estão os de Doutor *Honoris Causa* das Universidades de Paris, Autônoma do México, Coimbra, Toronto, Liège, Bordeaux, Salamanca e, no Brasil, do Recife, da Bahia e de Minas Gerais. Recebeu vários prêmios, dentre os quais o D. Antônia Chaves Berchon d'Essarts (1931); Moinho Santista (1960); Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia (1988); *Prix Mondial Cino del Duca*, da *Fondation Simone et Cino del Duca*, França (1989).

Ainda que sua atuação no Brasil tenha sido de grande importância, sua participação em órgãos internacionais científicos e culturais o distingue entre os brasileiros de modo especial. Por longos anos atuou no âmbito das Nações Unidas, tendo sido Membro (1956 e 1962) e Presidente (1956-1957) da Comissão sobre os efeitos das radiações ionizantes e Secretário-Geral da Conferência sobre a Aplicação da Ciência e Tecnologia para países subdesenvolvidos, em 1963. De 1966 a 1970 Chagas foi Embaixador e Representante Permanente do Brasil junto à UNESCO, em Paris. Devido ao seu envolvimento com os projetos apoiados pela Organização, se tornou membro do Comitê Internacional para a Salvaguarda de Veneza em 1969.

Chagas teve uma atuação extraordinária na presidência da Pontifícia Academia de Ciências, onde organizou inúmeras semanas de estudo sobre questões científicas não só de ponta, mas com importantes implicações sociais, culturais e éticas. Por sua iniciativa a Academia apresentou às principais potências mundiais um documento para a Prevenção da Guerra Nuclear.

O seu nome foi atribuído não só ao Instituto por ele criado, o de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como a uma Avenida na Ilha do Fundão, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, a um navio e a uma escola, o que revela o quanto sua figura é respeitada e querida.

Os prêmios e homenagens que recebeu ao longo de sua vida foram tantos que não tenho medo de dizer que nenhuma das listas disponíveis é completa, pois vários deles não foram adequadamente registrados. Foi o que verifiquei quando o ajudei, em várias ocasiões, a preparar seu currículo para apresentar a diferentes fundações de fomento à ciência e tecnologia.

Homem de fé profunda, Chagas recebeu excelente formação teológica no âmbito do Centro Dom Vital, quando liderado por Alceu de Amoroso Lima. Por outro lado, o Padre Pierre Secondi, dominicano francês que por muitos anos atuou na Paróquia do Leme, teve importante papel na sua formação religiosa. Assim, grande foi seu empenho para superar os paradigmas positivistas do século XIX que opunham fé e ciência. O tema das relações entre a fé e a ciência foi tratado de modo brilhante pelo Papa João Paulo II, também seu amigo, na Encíclica *Fides et Ratio*, de 1998. Creio que, mesmo de modo indireto, sua atuação na Pontifícia Academia de Ciências contribuiu para essa Encíclica.

Estou consciente de que tão diversas, importantes e múltiplas realizações e contribuições do Acadêmico Carlos Chagas Filho não podem ser elencadas no âmbito de um discurso. Como Orador desta Casa, me limitei a descrever alguns poucos aspectos dessa personalidade multifacetada e marcada por excepcional brilho intelectual, cultura vasta, dinamismo insuperável, e não menor afabilidade e ternura para com todos com quem se encontrava.

Por outro lado, todos nós sabemos que quem poderia apresentar a obra de Chagas com mestria insuperável seria Darcy Fontoura de Almeida, seu grande discípulo, que tem pesquisado e escrito sobre a vida de seu mestre.

Agora, peço licença para dar o testemunho de quem teve o privilégio de sua amizade. Na condição de sacerdote vim a conhecer alguns de seus questionamentos existenciais, suas dúvidas e suas esperanças e, muitas vezes, participei da reflexão sobre

suas escolhas e decisões sobre os mais variados assuntos. Essa situação particular permitiu que conhecesse muito da intimidade de Carlos e de sua inseparável Annah, o que me fez admirá-los mais profundamente ainda.

Chagas viveu intensamente as questões científicas e políticas do período anterior à I Grande Guerra, da qual participou por diferentes vias com todo seu entusiasmo. Quando se retirou para tratamento da doença pulmonar que padecia, conheceu e se tornou amigo próximo de Georges Bernanos, figura importante do pensamento católico francês do Século XX. Dele Chagas recebeu importante influência religiosa. Bernanos, que lutou como soldado nas trincheiras da I Guerra Mundial e trabalhou como repórter na Guerra Civil Espanhola, residiu em Barbacena entre 1938 e 1945, numa casa situada no bairro Cruz das Almas, onde escreveu várias de suas importantes obras. No meu entendimento, ainda que eu nunca tenha diretamente falado sobre isso com Chagas, o seguinte pensamento de Bernanos é representativo dessa fase e foi por ele compartilhado: *“Para encontrar a esperança é necessário ir além do desespero. Só quando chegamos ao fim da noite é que encontramos a aurora.”*

Chagas e Bernanos mantiveram importante correspondência, sendo que algumas dessas cartas tiveram oportunidade de ler junto com Annah. Uma delas, em particular, ficava guardada na grande arca de sua sala de visitas e, vez por outra, a relia comigo. Por várias razões, que não interessam neste momento, eu a sei quase de cor.

O ardente espírito religioso de Chagas o fez comprometido com o exercício cristão da tolerância, do acolhimento e da caridade e o levou a ser grande opositor do anti-semitismo e concretizar a tarefa assumida pela Igreja Católica de proteger e acolher os judeus perseguidos pelo nazismo. Encontrou diferentes formas para acolher no Brasil vários judeus, inclusive no Instituto de Biofísica, do que Rita Levi-Montalcini é um paradigma.

Ampla era a cultura de Chagas, que conhecia os grandes clássicos da literatura mundial e, particularmente, os alemães e franceses. Educado por uma governanta alemã, dominava perfeitamente essa língua, ao lado do inglês, francês, italiano e espanhol. Amigo de intelectuais de vários continentes, tinha uma compreensão privilegiada da cultura ocidental. Por outro lado, era um apaixonado por livros policiais, que devorava com avidez e rapidez. Os que conhecem Chagas unicamente como cientista não chegaram a descobrir o melhor desse homem extraordinário. Sua ciência estava a serviço da humanidade, a qual era o verdadeiro objeto de seu apreço. Trabalhar em ciência foi sua forma de colocar-se a serviço do semelhante. Chagas é o paradigma do sábio humanista, que percorre com igual facilidade e naturalidade a literatura, a filosofia, a teologia, as ciências físicas, matemáticas e biológicas. Que sabe que a arte é a expressão maior da humanidade, razão do apreço pela estética e prazer com tudo que é belo. Em várias ocasiões, ao refletir sobre sua vida, me perguntava, questionando a si próprio, se não teria tido mais sentido ter ficado cuidando dos doentes pobres, como fizera em sua juventude em Lassance. Sua personalidade sensível e delicada o fazia simpático – no verdadeiro sentido etimológico desta palavra – com a dor e a necessidade do outro. Sabia que para se conhecer alguém é necessário apropriar-se da sua dor, razão pela qual nunca deixou de usar seus conhecimentos e influência social para conseguir tratamento e internação hospitalar para doentes sem recursos, empregos para os filhos de seus funcionários, e inúmeros apoios. Assim também, nunca deixou de acolher os perseguidos políticos e os visitados pela desventura. Sabia usar a palavra, que saía de sua boca com suavidade e ternura, para acolher, consolar e semear esperança, entusiasmo e alegria. Sabia criar o ambiente que propicia o encontro e a proximidade entre as pessoas. Fez do Instituto, e particularmente de sua casa, esse lugar privilegiado de convivência. Sabia ouvir, não se antecipando ao outro.

Chagas não seria o cientista que foi se não tivesse sido antes a pessoa que era. A ciência para ele não era um fim em si, mas instrumento e via que permitiam o exercício da humanidade. Por essa razão, seu trabalho científico é tão somente uma de suas atividades, que isoladamente é insuficiente para descrever sua complexa personalidade.

Muitos foram os momentos de grande alegria e de tristeza que com ele partilhei. Como assíduo frequentador de sua casa, sempre aberta para os amigos, pude usufruir desse ambiente marcado pela graça e elegância que a tudo dava sua esposa, Annah. Os jantares, cuidadosamente planejados para que os convidados pudessem ter interesses comuns, ainda que marcados pela descontração, ofereciam a oportunidade para o intercâmbio de idéias e opiniões das mais variadas, mas sempre inteligentes e perspicazes. Ambos eram mestres em conduzir a conversa com natural simpatia e envolver todos nas discussões. Chagas e Annah ofereciam com largueza a alegria espontânea e generosa que tinham em seus corações.

Por outro lado, com ele também partilhei momentos de dor e sofrimento, nos quais sempre mostrou a coragem e serenidade de quem tem os olhos postos acima da caducidade das coisas deste mundo e o coração firmado na fé.

Ao seu lado estava no momento de sua morte. Foi com a minha mão em sua cabeça que Carlos deu o último suspiro, e fui eu que anunciei sua morte para Annah, que estava à minha frente. Não pude deixar de preparar com amor filial seu corpo para o funeral. Com carinho ajudei a moldar sua máscara funerária, depois fundida em bronze; vesti-lo com a beca de catedrático, que por alguns anos eu havia usado para participar e presidir inúmeras solenidades da UFRJ. Com o mesmo carinho derramei seu perfume preferido sobre seu corpo, para que o odor de sua vida pudesse então ser sentido de modo simbólico. Com a saudade já dominando meu peito, mas na alegria cristã da certeza da Ressurreição, concelebrei as suas exéquias ao lado do Cardeal Dom Eugênio Salles.

Com o coração abrasado pelas muitas recordações, das quais umas poucas aqui relato, não posso deixar de extravazar o testemunho de que Carlos foi guiado por uma consciência bem formada, reta e exigente. Que em tantas e importantes funções que desempenhou na sociedade brasileira e internacional sempre se manteve íntegro nos seus valores e ideais. Que soube viver a temperança, ou seja a medida sábia do desfrute da vida, pautado por profundo senso de justiça, de respeito ao próximo e de dedicação ao bem da humanidade. Carlos soube entender o que significa o chamado de Cristo à santidade, pois compreendeu seu sentido correto, que é o do encontro do homem com Deus, em Seu amor e Sua misericórdia.

Muitos o lembrarão pelo seu gosto requintado, elegância, inteligência aguda, intenção clara, discernimento maduro. Eu acrescento que ele deve ser lembrado acima de tudo por sua santidade, pois soube ser filho de Deus.

Carlos e Annah, Annah e Carlos. Impossível falar de um sem falar do outro. Agradeço a Deus por ter dado a graça de te-los por amigos e esta ocasião para expressar com ternura o carinho que tive e tenho por Carlos e Annah.

Em nome desta Casa, cumprimento e agradeço a presença de todos os familiares do Acadêmico Carlos Chagas Filho, em particular Maria da Glória e Maria Cristina, duas de suas quatro filhas únicas. Agradeço, também, a presença de todos que aqui vieram para celebrar com a Academia Nacional de Medicina a vida e a obra do Acadêmico Carlos Chagas Filho.

Como sinal de nossa gratidão e amizade, salvemos agora o Acadêmico Carlos Chagas Filho com as nossas palmas.